

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA
COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, ESPORTES E SERVIÇO PÚBLICO

Os professores Emilia Ferreiro e Paulo Freire receberam da Assembléia Legislativa baiana a Medalha Libertador da Humanidade. O trabalho de ambos tem projeção internacional e é comprometido com o progresso e a libertação do ser humano através da educação. Este livro reúne os pronunciamentos das sessões especiais em que eles receberam a comenda.



Emilia Ferreiro



Paulo Freire

PALADINOS DA ALFABETIZAÇÃO

Apresentação
Edivaldo Boaventura

*Um sopro de
esperança bafejou os
educadores baianos durante
dois importantes momentos
da Assembléia Legislativa
da Bahia: as sessões
especiais realizadas nos
dias 27 de abril de 1993 e
três de agosto de 1994, em
que foi, respectivamente,
outorgada a **Medalha
Libertador da Humanidade**
aos educadores Paulo
Freire e Emilia Ferreiro,
dois dos maiores expoentes
da educação em todo o
mundo na atualidade.*

*As duas homenagens
foram propostas pela
deputada e professora Maria
José Rocha (PT). A mesma
medalha foi concedida, em
meados de 1991, ao líder
negro e atual presidente da
África do Sul, Nelson
Mandela, também por
indicação da parlamentar, em
reconhecimento à luta dele
para acabar com o regime
segregacionista do apartheid.*

Nas duas ocasiões,

PALADINOS DA ALFABETIZAÇÃO

<i>Otto Alencar</i>	Presidente
<i>Antônio Honorato</i>	1º vice-presidente
<i>Critóvão Ferreira</i>	2º vice-presidente
<i>Robério Nunes</i>	3º vice-presidente
<i>José Carlos Araújo</i>	1º secretário
<i>Marcelo Nilo</i>	2º secretário
<i>Zelinda Novaes</i>	3ª secretária
<i>Guilherme Menezes</i>	4º secretário

Comissão de Educação, Esportes e Serviço Público
Jurandy Oliveira, presidente

Diretoria Legislativa
Gildásio Alves Xavier

Assessoria de Comunicação Social
Paulo Roberto Martins Bina

Edição, projeto gráfico e capa
Luis Guilherme Pontes Tavares

B151p

Bahia. Assembléia Legislativa. Assessoria Comunicação Social.
 Paladinos da alfabetização. Salvador, 1996.
 80 p.

I. Freire, Paulo II. Ferreiro, Emilia III.
 Educação - Discursos IV. Título.

CDU 37 (042.5)

Sumário

Abertura	11
Maria José Rocha	12
Paulo Freire	21, 41, 50
Maria Celeste Koch	36
Zilton Rocha	39, 53
Vera Manzanares	49, 53
Italva Simões	54
Margarida Oliveira	55
Carlos Alberto Simões	56
Encerramento	57

Abertura	61
Maria José Rocha	62
Emília Ferreiro	70
Encerramento	80

Apresentação

A Assembléia Legislativa da Bahia homenageia dois dos mais destacados educadores voltados para o problema da alfabetização: Paulo Freire e Emilia Ferreiro. Em decorrência do reconhecimento, edita, muito oportunadamente, o registro das sessões congratulatórias sob o título *Paladinos da alfabetização*.

Nesta publicação, gostaria de destacar não somente a obra, como também o exemplo de suas vidas. O nosso Paulo Freire começou a sua labuta no Recife, estendendo a universidade à cultura do povo. Quem viveu na capital pernambucana, no início dos anos 60, pode recordar o seu trabalho. Do Recife passou a Natal (RN), aplicando o seu tão conhecido método de alfabetização. Depois de 1964, seguiu para o Chile, ensinou na África e trabalhou em grandes centros universitários. Conseguiu com a sua obra, principalmente *Pedagogia do Oprimido*, o reconhecimento da comunidade internacional. É um dos poucos

sabe porque não pode. De repente, várias instituições retiraram o apoio ao nosso curso, mas nós o sustentamos aos trancos e barrancos, e hoje estamos aqui com 200 professores concluindo-o com 80 horas de estudo. As instituições ainda precisam ser muito provocadas, porque esta não pode ser a tarefa de uma deputada ou de um grupo como o GEEMPA, que veio do Rio Grande do Sul sem ganhar um tostão. São oito técnicos de alto nível, que deixaram todas as suas atividades e vieram gratuitamente, porque a educação, os objetivos da educação são grandes demais, e o GEEMPA, exatamente pela grandeza dos seus objetivos, soube compreender.

As instituições não reverterão esse quadro acusando os professores, transformando as vítimas em vilões. Elas precisam assumir, efetivamente, a democratização do conhecimento como uma forma de ingressarmos numa nova fase da história da educação como prática libertadora.

A professora Esther Pillar Grossi diz algo fantástico: “É preciso ter coragem para abandonar o velho e mergulhar de cabeça no novo, mesmo com toda a vertigem que o salto provoca”. Portanto, nós precisamos ter coragem e capacidade para enfrentar as dificuldades, porque toda a aprendizagem implica em sofrimento. É doloroso chegar ao conhecimento, especialmente num país com tantas adversidades como o nosso: gente sem recursos, sem dinheiro para comprar livros, ir ao cinema, participar de debates. Por isso, quero fazer um desafio a vocês: vamos penetrar no templo sagrado dos intelectuais! Paulo Freire está hoje aqui exatamente porque ele não fica no templo sagrado, na torre de marfim. Ele veio a nós, mas nós precisamos invadir esse templo sagrado para mudar a educação.

Ao professor Paulo Freire a minha admiração profunda, o meu amor e o compromisso de que nós lutaremos em defesa dessa educação libertadora que ele defende e pela qual luta, para que possamos resgatar a esperança do nosso povo. Tenho certeza de que o Brasil, um dia, vai ser completamente diferente, e, então, milhares, talvez milhões se lembrem do trabalho que Paulo Freire fez durante todos esses anos, auxiliado por tantos educadores também corajosos, audazes e, sobretudo, conhecedores de tudo o que há de acúmulo na humanidade, porque sem conhecimento e sem saber não haverá, de forma nenhuma, transformação no nosso mundo.

Um grande abraço em todos vocês. Estou superfeliz!

Antônio Imbassahy (presidente): Antes de conceder a palavra ao eminente convidado, registramos as presenças honrosas dos senhores deputados Murilo Leite, José Carlos Araújo, Jailton França, Luciano Simões, Marcos Cidreira, Eujácio Simões, Edival Passos, Paulo Jackson, Galdino Leite, Jersulino Moraes, José Amando, Antônio Sérgio Carneiro, Maria de Fátima Nunes, Marcelo Nilo, Marcelo Guimarães, Zelinda Novaes, Joel Neiva, Rui Rosal Antônio Honorato e do Vereador Valter Pinheiro da Câmara Municipal do Salvador.

Com a palavra a nossa convidado, insigne educador, o professor Paulo Freire.

Paulo Freire: Senhor presidente desta Casa, senhores

deputados e deputadas, minha gente, meus amigos da Bahia, eu começaria, de uma maneira assim bem à vontade de um nordestino, pedindo licença, ao mínimo de formal que uma reunião como esta tem, para falar assim, diretamente, a meus cunhados e cunhadas, que estão aqui, Buck, Helena, Lula e Ivone. Em segundo lugar, que, talvez, devesse até ser o primeiro, à minha mulher, que veio comigo e se mistura na homenagem que me fazem, porque também é dona desta homenagem.

E agora eu vou tentar, não só com relativo esforço, mas também com relativa facilidade dizer alguma coisa a vocês aqui, que vai um pouco mais além do que um muito obrigado por tudo que estão fazendo comigo. Eu acho que não bastaria, depois de um bonito momento como este e em face da importância da festa para mim, pessoalmente, para minha família, para as coisas sobre as quais eu tenho pensado e para as coisas que eu tenho feito, dizer muito obrigado.

Também, por outro lado, eu não devo me aproveitar da situação do momento para fazer uma conferência. Eu acho que seria um ato covarde de minha parte se eu, agora, me aproveitasse da circunstância e começasse a fazer um sermão acadêmico sobre isso ou aquilo, mas eu vou fazer um semi-sermão.

A minha amiga, deputada Maria José Rocha, disse umas coisas, inclusive, tão boas. O presidente da Casa, em certo momento, bateu em mim e disse: "Viu, como ela aprendeu a sua lição?" E realmente, ela disse umas coisas que me tocaram muito porque ela penetrou em um pouco da inteligência do que eu venho fazendo. E não precisava fazer mais do que fez hoje, quando deu uma aula, que me satisfaz muito.

Eu acho que me senti um pouco estimulado por falar dela e escolhi alguma coisa sobre o problema da esperança para dizer aqui, porque, às vezes, corremos o risco, diante dos chamados pragmáticos, quando nos afirmamos esperançosos, de que somos, mais uma vez, uns sonhadores irresponsáveis. Falar em esperança, nas circunstâncias, sobretudo, tão concretamente difíceis em que vivemos no Brasil, hoje, poderia ser uma espécie de traição à força da ação e aos princípios da luta.

E eu acho que é preciso desfazer este equívoco e afirmar a esperança como uma necessidade indispensável à briga, à luta, ao compromisso com o mundo para refazê-lo. Mas, para que não pareça, mais uma vez, aos chamados pragmáticos, de que até o Brasil está cheio hoje... Há um certo discurso neoliberal que inclusive se julga inventor do Brasil, inventor da história, um certo discurso neoliberal que, de forma cínica, propõe: "Deixemos em paz os homens e as mulheres que atuam. Acabemos com os nossos sonhos sobre as mudanças do mundo, que são puros sonhos inviáveis. Deixemos de falar nesses sonhos da igualdade, por exemplo, nesses sonhos da justiça social, porque com esses discursos dos senhores", dizem a nós, "com esses discursos da utopia, vocês não fazem outra coisa, em nome da esperança, senão tirar a paz e a esperança de quem realmente trabalha". Vamos deixá-los em paz, porque, um dia, quem sabe, pode ser que se possa mudar. E, aí, então, talvez a gente possa ter uma justiçazinha melhor.

Eu acho esse discurso que ora é proladado (sic), que ora é expressado nas formas de compreender a nós, utópicos, mentirosos e anticientíficos, também. Agora, é um discurso que corresponde

ao direito de quem o faz. Eu entendo, eu sou um homem absolutamente democrático. Eu me bato pelo direito de expressão, mesmo dos que se expressam contra mim. Mas, não há dúvida nenhuma de que eles têm todo o direito de se expressar. Puxa, eu acho uma maravilha quando o sujeito diz para mim: “discordo de ti”. Agora, com lealdade e cientificidade, com pura raiva, não, apesar de raiva também ser um direito. Eu tenho o direito de não gostar de um bando de gente.

Por isso, eu gostaria de fazer umas duas referências às razões porque sou esperançoso. Eu não sou esperançoso por pura teimosia. “Olha, o Paulo Freire é um sujeito teimoso, a esperança nele é o resultado da teimosia nele. Ele bate com o pé no chão.” Não, o tempo da minha infância se acabou, apesar de eu continuar um menino.

Por que é então que eu sou esperançoso? Vejam que a coisa começa muito tempo antes de nós. Na história nossa, dos homens e das mulheres, remotíssima, em determinado momento da experiência no mundo, muito longe de nós hoje, os seres humanos começam a inventar a possibilidade de fazer alguma coisa a mais do que estar no mundo. Os outros animais não deram este salto. Ficaram no mundo e nem sequer, possivelmente, perceberam que nós, os seus companheiros de história, ao iniciarmos algo mais do que estar no mundo, começamos a experimentar uma forma diferente de estar no mundo, porque uma forma acrescida de estar no mundo, que era estar com o mundo.

E no momento em que nós começamos, estando no mundo, a ficar com o mundo, nós demos um salto extraordinário, porque o estar no mundo, que se alonga ao ficar com o mundo, implicou,

necessariamente, o começo da presença do ser humano como presença histórica. Quer dizer, agora, mais do que estar no mundo, ficando com o mundo criamos o tempo. Quer dizer, começamos a fazer história. À medida que começamos a fazer história, foi que a história começou a nos refazer e foi exatamente isso que, durante um processo bastante longo, gestou a possibilidade de termos uma consciência do mundo e uma consciência de nós. Quer dizer, não seria possível pular de “no mundo” para “com o mundo” sem transar o tempo, e a transa do tempo gera história, que, por sua vez, nos regista, nos recria. Isso seria inviável se não fosse possível, ou se não tivesse sido possível que um não eu de todos, um não eu, que era o mundo, constituísse como eu. Quer dizer, foi exatamente o mundo, como contrário de mim, que disse a mim você é você. E foi exatamente este eu que ficou eu, pela contradição do mundo como um tu meu, que me fez dizer que o mundo é este, o mundo é isto. Então, a consciência do mundo, a consciência da presença do contrário, criou em mim a consciência de mim. Esse foi para mim um dos equívocos trágicos de certa concepção mecanicista da história que teve um pouco de culpa de Marx, mas não total, pois os culpados uma vez mais, são mais os discípulos do que os mestres. Marx cometeu os pecados, mas os alunos deles ampliaram e criaram essa loucura, essa doidice científica, essa extravagância que foi exatamente a explicação mecanicista da história, que negou totalmente a papel da subjetividade, o papel da consciência no desenvolvimento da história e o papel da consciência da individualidade na explicação do social. Essa coisa deu no que tinha que dar.

Mas, para mim, essa coisa não acabou foi a possibilidade, o

direito e o dever de ter esperança. Quer dizer, a esperança, no fundo, se radica, se envolve na possibilidade que eu, como ser humano - quando digo eu, estou pluralizando esse eu -, na possibilidade que eu, como ser humano, um ser que virou... essa afirmação do constitucionalismo é de uma obviedade encantadora. Eu acho que é óbvio, é uma maravilha. Há coisas maravilhosas na obviedade, e essa do construtivismo de que ninguém nasce feito... Eu, agora, acabei de escrever um texto "Ninguém nasce marcado pra ser", quer dizer, a gente inventa o que vai ser na experiência do social, a gente fica inteligente, não é, quer dizer, a gente cria a inteligência praticando o ato inteligente, então eu não sou inteligente, *a priori*, eu viro inteligente na minha experiência com os outros, quer dizer, "eu somos inteligente", essa é que deveria ser a sintaxe. Vejam como a gramática não é nada construtiva. Mas, voltando ao que vinha refletindo, quer dizer, no fundo chegou um momento em que nós, seres humanos, mulheres e homens, por "ene" intervenções, que só numa perspectiva dialético-construtivista a gente é capaz de entender, porque numa tentativa mecanicista é inviável... No mecanismo você vira metafísico e mal metafísico. O que é uma coisa interessante é como algumas esquerdas ficaram metafísicas e religiosas, absolutamente religiosas procurando o pecado original de Adão.

Mas terminamos por nos tornar um tipo de ser especialíssimo do qual um grande biólogo atual, de nome François Jacob, falou recentemente o seguinte: "Nós somos seres programados para aprender e nada mais do que isso". Quer dizer, nós somos seres programados para aprender. E não somos seres, porém, determinados, mas programados. Quer dizer, se fossemos seres

determinados, não teríamos construído o "com o mundo", quer dizer, a relação com o mundo não existiria se tivéssemos sido, desde o começo, seres determinados. Existiu porque, sendo programados ou virando programados, nós fomos capazes de nos perceber condicionados, porque isso, indiscutivelmente, somos. E, ao nos perceber seres condicionados nos tornamos capazes também de ir além do condicionamento. Quer dizer, nós somos seres competentes, que viramos competentes para, confrontarmos um condicionamento que nos sugere ser, instou aquilo ser não-isso a não-aquilo e inventar outra forma de ser. Quer dizer, no fundo, nós nem somos puramente genéticos, porque aí seríamos geneticamente determinados, nem somos puramente culturais, porque, aí, seríamos determinados culturalmente. Nós somos a relação entre a cultura e os gens, isso é o que somos.

Ora se isso que somos, não somos inteligentes ou burros de nascença. Somos capazes de nos tornar burros ou de nos tornar inteligentes. Então, o mundo se põe para nós como uma possibilidade. A história é possibilidade e não determinismo. Na perspectiva mecanicista da história, o amanhã é algo inexorável.

Eu me lembro das afirmações esquerdistas dentro do país e fora desse país. Eu andei o mundo todo e encontrava a mesma doença em todo lugar: a doença do esquerdismo, que Lênin criticou. E os caras liam o Lênin, não o entendiam e continuam não entendendo.

Eu me lembro, então, do discurso que eu ouvia repetido, de lição mal-entendida. Quer dizer, do ponto de vista do mecanismo ou da história mecânica o amanhã é inexorável. Quer dizer, o socialismo vem, e acabou-se. Para mim, nunca! O socialismo vem

se a gente o fizer. Vocês vejam como o mecanismo não tem nada a ver com o construtivismo. Quer dizer, você afirma, *a priori*, como definitivo e diz: “socialismo vem. Amanhã, vem o socialismo”. Não vem, ele não vem se a gente não o fizer. Nós estamos no mundo exatamente para fazer ou não fazer. Por exemplo, pelo menos, o meu sonho é fazer esse danado. E como eu não acredito, de jeito nenhum, no discurso neoliberal de que a utopia se acabou, de que as ideologias se acabaram, de que as classes sociais sumiram por encanto do mundo... Sumiram nada, estão aqui. Estão aqui dentro dessa Casa. Não acabou coisíssima nenhuma. Pôxa, isso é um pouco mais do que má vontade. Isso, sim, é virar burro. O que eu posso dizer é o seguinte: eu gostaria, meu Deus, que não houvesse luta nenhuma entre classes sociais, mas não posso, não depende do meu gosto. Os interesses estão aí, concretos, absolutamente concretos. Marx, aliás, meu Deus do céu, o pobre do Marx cometeu alguns erros, mas este, não: Marx nunca inventou classe social. Isto seria atribuir a Marx uma coisa que ele não podia, porque ele era gente como nós. Marx não inventou classe. Aliás, ele diz, com uma humildade enorme, coisa que não era muito dele, ele não era nada dialógico. Ele era muito polêmico, porreteiro, mas ele diz num pé de página: “Não fui eu o primeiro a reconhecer a existência de classes sociais na história. Os economistas burgueses fizeram isso antes de mim”. Está lá, ele escreveu, os “caras” não lêem. Quer dizer, não foi ele quem inventou isso. E ele continua dizendo: “O que eu fiz foi analisar as relações conflituosas entre as classes sociais, fundadas nos interesses econômicos”. É isso mesmo. Quando a gente olha, por exemplo, o Nordeste e o Centro-Sul brasileiros, o que é que está no bojo

dessas relações, senão um profundo interesse de classes. O nordestino nunca devia abrir a sua boquinha para dizer essa besteira: “Eu não acredito nesses discursos”. Respeito o direito que todo mundo tem de fazer esses discursos, janto com a pessoa que faz esses discursos, recebo-o em casa, vou para a rua, passeio, vou a um teatro, não há problema nenhum, porque eu não sou sectário. Agora, eu não acredito nisso e cientificamente, eu o rejeito, e utopicamente, recuso. Eu sou pela mudança do mundo, sou pela transformação do mundo. Eu não posso, sem fazer nada, dormir, sabendo que há nove milhões de meninos e meninas, entre sete e 14 anos, neste país, sem ter direito à escola. Não dá para, aos 71 anos, dormir em paz. É impossível a acomodação diante de uma estatística como essa, quando você sabe que Papai do Céu não tem culpa disso, não foi Papai do Céu quem inventou essa imoralidade. Não foi Papai do Céu quem ficou lá em cima dizendo: “São Pedro, me ajude, cumpra seu dever. Puxa, rapaz, me dá a relação desses nove milhões de meninos brasileiros que não têm escola”. E então São Pedro traz a relação e diz: “Puxa, não tem nenhum neto de Paulo Freire”. Não tem, porque não pode ter, a minha família não precisa disso, porque os meninos que se casaram com as minhas filhas e, ao contrário, não só quem produziu foram as mulheres, têm condições. Nita tem dois netinhos fantásticos, um de seis anos e outro de três, uma menina de dois anos e meio, que não vão fazer parte desta estatística, também. Por quê? Por que Papai do Céu gosta? Os meninos de Lula estão todos formados. Papai do Céu gosta deles? Não, pode querer bem, naturalmente, mas não foi Papai do Céu que disse isso, foram as condições materiais.

Agora, me perguntaram numa entrevista: "o que é que o senhor acha que está faltando para que não haja mais meninos fora da escola?" Só uma coisa: decisão política, só falta isso. E, ao dizer decisão política, será que eu não sei o quanto custa? Eu fui secretário da Educação da cidade maior desse país e uma das maiores do mundo, que é a cidade de São Paulo, que ainda tem déficit. Mais de 300 mil crianças precisam de escola.

Eu sei que você precisa de outras coisas, eu sei que você precisa ter dinheiro para construir edifícios; dinheiro para preservar os que já estão construídos; dinheiro para formar novos professores e professoras; dinheiro para continuar a formação permanente dos que se formam hoje, dos que se formaram ontem; dinheiro para pagar a diretor, para pagar a zelador. Eu sei disso. Mas, o que eu sei também é que se houver uma decisão política para não mais compactuar com o crime, com a imoralidade e com a sem-vergonhice que se democratizaram nesse país: se você tiver decisão política para romper com isso, uma das coisas que você descobre no dia seguinte, quando você procurar o dinheiro para construir, é que se você fizer uma política de reorientação dos gastos públicos você consegue, no primeiro mês, uma quantidade extraordinária de dinheiro para fazer escola. Mas, para isso, tem que ter coragem política.

Foi por isso que eu falei em decisão política, porque você não decide se não rompe. Decidir significa romper. Você tem que romper entre uma coisa e outra. Então, você tem que tomar decisões corajosas para pagar menos a quem está estragando este país e ganhando o que não podia ganhar. Você tem que ter decisões políticas para acabar, de uma vez, com esse estado cartorial que

nós continuamos a exercer. Quer dizer, não é possível entupir. Eu estive recentemente com minha mulher no Japão e visitamos uma câmara de vereadores; havia 36 vereadores, uma cidade grande, Osaka. Uma câmara muito bonita, e eu fiz questão de perguntar ao presidente da Câmara quantos vereadores havia, eu tenho a impressão que pouco mais de 30. E eu disse: e quantos funcionários? Entre seis e oito. Eu disse que aquilo era uma maravilha e que era preciso que a gente trouxesse o Brasil inteiro para ver.

Quer dizer, eu sei, por outro lado, que a questão não é estritamente ética; a questão é econômica também. Se todo mundo tivesse lugar para trabalhar, os políticos teriam menos gente a atender, a forma de fazer política seria outra, quer dizer, você lutaria para afirmar ao povo que o elegera que você corresponde ao seu discurso.

Hoje, não, hoje você se preocupa pouco, só se você for mesmo um doido, um são doido, que é do que precisamos. Precisamos de políticos que sejam insanos na sua sanidade; políticos que não precisem fazer favores nem façam concessões, porque, veja bem, a política é concessão, mas há limites éticos que permitem conceder até aqui só, e não daqui pra cá. Daqui para cá é imoralidade, é convivência.

As condições materiais da sociedade brasileira exigem, às vezes, que tu sofras porque tu percebes que concedestes um centímetro a mais, mas não pode é conceder um quilômetro. Quer dizer, é preciso que haja gente que assuma. Outro dia, dizia a uns amigos meus, deputados: é preciso que a gente crie uma geração - e se aí a escola tem muito o que fazer - de política absolutamente

loucos, quer dizer, que se elejam sem se preocupar em reeleger-se. A reeleição vem de acréscimo. Ou você tem essa geração que não pretende se aposentar sendo deputado -, vocês me desculpem, mas eu acho isso um absurdo, é um absurdo.

Por exemplo, o Governo Militar foi chamado, por um erro semântico, de revolucionário. Foi um erro semântico chamar aquele governo de revolucionário, foi um equívoco semântico. Aquele governo me demitiu como professor da Universidade Federal de Pernambuco, ou melhor, como Técnico em Educação e me aposentou, aos 42 anos, como professor.

Eu sentia uma estranheza enorme quando eu me sabia aposentado, porque a semântica também me dizia que o aposentado ou tem idade para ser, como hoje, ou tem doença para não continuar sendo. Eu não tinha nem uma coisa nem outra. Eu me achava estranhíssimo na figura do aposentado. Pois bem, mas eu quero dizer isso a vocês, porque eu, hoje, com as duas aposentadorias, a de técnico e a de professor, recebo 10 milhões de cruzeiros [322 dólares]. Imaginem, vocês! E um deputado se elege num mandato e, no outro, se aposenta. Eu não acho sério isso. Não acho sério. E, para falar da esperança, tenho de falar contra isso. Quer dizer, eu não tenho raiva dos deputados que ganham a sua aposentadoria. Mas eu acho que não está sério e não é muito sério isso. E não se justifica dizer como se diz às vezes: "é, mas é preciso também amparar a vida da pessoa que é deputado, porque, depois se ela não se reeleger, o que é que vai fazer?" Vai trabalhar, faz força como eu.

Vocês imaginem o seguinte: com que direito eu poderia dizer ao Brasil que eu trabalhei muito, que eu fiz muitas coisas pela

nação? Em primeiro lugar, não é todo brasileiro que acha que eu fiz muita coisa pelo Brasil. Uma vez mais, vem a questão das classes sociais. Agora, eu teria direito a 10 ou 15 mil dólares de aposentadoria, porque, pôxa, eu trabalhei muito!

Bem, eu não acho. Não é assim que se faz história. Não é assim que se refaz o país. De jeito nenhum! Não! Agora, o que eu acho é que eu não ganho nada com esses 10 milhões de cruzeiros. Se eu só vivesse disso, não dava nem para ter vindo aqui. Não dava. Eu teria recebido a homenagem de longe. Eu não saberia nem andar com 10 milhões. Isso não é certo. Bem, eu não estou reclamando, porque eu tenho outras maneiras de ganhar dinheiro porque, senão, eu não viveria como eu estou vivendo. Eu estou vivendo relativamente bem. Pôxa, eu tenho livros traduzidos para 20 línguas. Mas, mesmo quando não pagam de um modo geral, mas, de qualquer maneira, uma coisa e outra pagam, e aí dá para algo. Eu faço conferências etc.

Bem, mas, agora, eu vou acelerar o término desse papo, porque ele começou acadêmico e já degingolou. Já não é acadêmico. Mas, o que eu quero dizer é que o fato de eu ser um ser programado e não um ser determinado, o fato de eu poder fazer história e ser feito por ela, portanto, o fato de experimentar a possibilidade de ser sujeito e de ser objeto, simultaneamente, o fato de ser consciente disso, o fato de que, no fundo, a história da qual eu faço parte é um tempo especial e é um tempo caracterizado pela possibilidade...

Quer dizer, não é um tempo de determinações, mas é um tempo de possibilidade em que eu me experimento como possível, também. Quer dizer, eu sou possível de ser ou de não ser. Isto que

eu acho lindo em nós, seres humanos. Eu posso ser e posso também, na busca do ser, perder o endereço do ser e cair no não-ser. Quer dizer, eu posso oprimir, posso ser oprimido e posso fazer as duas coisas juntas: a um tempo, ser opressor, e, a um tempo, ser oprimido.

Por exemplo, no momento, que vem um exemplo concreto disso: um operário, sendo oprimido, sendo espoliado, oprime a mulher simultaneamente. O machismo é um absurdo, não só nordestino, mas também mundial. O homem que domina, que nega a capacidade de ser da mulher, que a objetiva, esse cara é tão contraditório quanto o que domina economicamente. E o pior é que, às vezes, ele faz um discurso progressista, revolucionário e proíbe que a filha namore com um negro. Como é que pode? Como é possível ser ao mesmo tempo revolucionário e machista? Ser revolucionário e racista? Não dá para eu entender. Por isso que eu insisto, como educador e político, na coerência. Tanto quanto possível, a coerência absoluta ninguém alcança, mas a gente tem que ter limites para ser incoerente. Eu preciso ser incoerente só até o limite em que, porque sou incoerente, descubro que preciso ser coerente e continuo a luta pela coerência. Se eu for total e definitivamente coerente, eu não vou conhecer a incoerência. E se eu não conheço a incoerência, eu não serei coerente. Mas fora desse limite, não dá para entender a incoerência do homem e da mulher que se dizem revolucionários e negam o outro.

Por causa de tudo isto, pelo fato de ser este ser finito, este ser incompleto, que se insere na busca permanente de sua complitude, não é possível fazer a experiência de ser assim no mundo sem esperança. A esperança, então, é um dado que faz

parte da natureza, mesmo, de um ser que sendo incompleto se sabe incompleto, porque o pastor-alemão que tenho em casa, chamado Gim, também incompleto como eu, mas não se sabe incompleto. E é porque eu me sei incompleto que eu assumo a necessidade de marchar, e não é possível marchar para ali ou para o amanhã sem esperança na marcha.

Portanto, estar “no mundo” e “com o mundo” tem como condição necessária, indispensável, fundamental o movimento que não pode se dar na história, se não há esperança. Quer dizer, a esperança não é favor que eu me faço, a esperança não é teimosia de mim mesmo no mundo. A esperança é um *sine qua* para continuar existindo como ser humano. Daí em diante é que vem a possibilidade de ser esperançoso por causa do meu compromisso de natureza política.

E, aí, eu confesso a vocês, para encerrar, que a radicalidade da minha esperança transcende a dimensão mais metafísica de minha experiência e identifica-se totalmente com a condição política de fazer história. Eu sou esperançoso, vou morrer esperançoso, aí, talvez, teimosamente. Não creio que eu morra mediocrementemente nem gostaria. Morrer numa cama, com dor de barriga, deve ser terrível, apesar de respeitável. Mas eu gostaria de uma outra hipótese de morte, ou seja, de morrer de enfarte no miocárdio numa conferência como esta, por exemplo, falando da esperança.

Muito obrigado.

Antônio Imbassahy (presidente): Vamos dar início aos

Eujácio Simões (presidente): Senhores deputados, senhoras deputadas, meus senhores e minhas senhoras, após as brilhantes e sábias palavras da professora Emilia Ferreiro, tenho a honra de, em nome deste Poder, que se constitui a casa do povo baiano, entregar-lhe a Medalha Libertador da Humanidade.

Emilia Ferreiro: Novamente estou muito, muito emocionada. Acho que não é muito comum para um pesquisador receber este tipo de homenagem. Mais uma vez, *gracias, gracias*.

Eujácio Simões: Agradecendo a presença de todos e o entusiasmo com que se manifestaram nesta justa homenagem que a Assembléia Legislativa da Bahia faz a uma personalidade tão vibrante, eu declaro encerrada a presente sessão.

professores, estudantes e intelectuais superlotaram o Plenário e as galerias da Assembléia. Autor de Pedagogia do oprimido, obre reconhecida em todos os continentes, Paulo Freire apresentou aos baianos a sua nova mensagem: a Pedagogia da esperança. Com livros traduzidos em 20 idiomas, e ressaltou, em seu discurso: a radicalidade da minha esperança transcende a dimensão mais metafísica de minha experiência e identifica-se totalmente com a condição política de fazer história."

Emilia Ferreiro, educadora argentina radicada no México, provou para o mundo que todas as pessoas, sem distinção, são alfabetizáveis, revolucionando as idéias sobre alfabetização. Como assinala Ferreiro, "alguém que possa colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta".